

BLUMENAU

em Cadernos



TOMO V — FEVEREIRO DE 1962 — N.º 2

MALHARIA MAJU S.A.

ESPECIALIZADA EM LINGERIE FINA

PARA SENHORAS E CRIANÇAS



BLUMENAU

CAIXA POSTAL, 150 — TELEFONE, 1837

TELEGRAMAS: "MAJUSTA"

BLUMENAU **em CADERNOS**

TOMO V

FEVEREIRO — 1962

N.º 2

Movimento colonizador na província de Santa Catarina durante êstes últimos anos (1828-1860). — Fundação de colônias, sua história.

Carlos da Costa PEREIRA

O que se segue é a tradução do capítulo IX da obra de Léonce Aubé, LA PROVINCE DE SAINT-CATHERINE OU LA COLONISATION AU BRÉSIL. Imprimerie Française de Frédéric Arfydson, Rio de Janeiro 1861, ps. 105 a 113.

Léonce Aubé, como procurador do Príncipe de Joinville, percorrerá, em 1844, parte de Santa Catarina, com a incumbência de escolher as 25 léguas quadradas de terras doadas por D. Pedro II à sua irmã, Dona Francisca, esposa do referido Príncipe.

Sua atenção fixara-se no norte da Província e, no ano seguinte, era demarcada a área de terras que passou a constituir o domínio de Dona Francisca, onde, em 1851, a Sociedade Colonizadora Hamburguesa fundara a colônia de Dona Francisca, tendo por sede o povoado de Joinville, hoje cidade.

Aubé foi o terceiro diretor da colônia, salvando-a do malôgro. Deixara o cargo em 1860 e logo depois publicava a obra acima citada.

O capítulo ora traduzido é o histórico do que se realiza em Santa Catarina, entre 1828 e 1860, no que diz respeito à colonização. É um documentário curioso sob vários aspectos. Ressalte-se, contudo, que, enquanto previa um futuro promissor para a colônia de Dona Francisca, à qual estava intimamente ligado o A. alimentava opinião contrária com relação à colônia de Blumenau e ao vale do Itajaí, levando-o a enunciar prognóstico pouco otimista, que o tempo veio desmentir cabalmente.

Depois da época (1810) em que foram emitidas as idéias de que demos um resumo (no capítulo anterior), a única obra mais ou menos útil levada a termo foi a abertura do péssimo caminho que une a capital da Província às terras de Lajes. Algumas construções públicas ou particulares nas cidades ou vilas existentes, alguns novos povoados criados no litoral, ou alguns trabalhos isolados e sem importância, não nos parecem dignos de menção quando se trata de uma Província, e não vemos nenhuma obra, diremos até nenhuma idéia, que mereça perdermos tempo em apreciá-la.

A abolição do tráfico de escravos, hoje uma realidade, porém prevista há mais de trinta anos, levava muitos espíritos a pensar na colonização estrangeira como meio de evitar a falta de braços já esperada, e, cerca de quarenta anos depois, ensaios nesse sentido foram tentados nos arredores do Rio de Janeiro, no Morro Queimado, e na Província do Rio Grande do Sul, em São Leopoldo.

Pela sua posição topográfica, pela fertilidade de seu solo, pelo seu clima e pela existência de enorme extensão de terras devolutas situadas a pouca distância do mar, a Província de Santa Catarina certamente não podia deixar de atrair, a esse respeito, a atenção do governo e dos estrangeiros. Durante perto de trinta anos, fizeram-se várias tentativas para fundação de colônias — umas, sem êxito, e outras, mais afortunadas; e no momento em que escrevemos estas linhas ainda existem alguns desses estabelecimentos.

Pensamos que poderá ser interessante dar, senão a história minuciosa de cada um desses estabelecimentos, pelo menos a situação dos mais prósperos, a fim de deduzir-se a influência que exerceram no decorrer destes últimos anos, e, sobretudo, o que dêles se poderá esperar pelo tempo adiante.

A primeira colônia fundada na Província — a colônia de São Pedro de Alcântara — data de 1828 e foi instalada no distrito de São José, em local muito mal escolhido, afastado do mar e onde as ter-

ras estavam longe de ser as mais férteis. Não obstante, à custa de trabalho e persistência, os alemães que ali se estabeleceram, chegaram a alcançar uma prosperidade relativa e não tardaram a fazer com que dela participasse a capital da Província, levando-lhe as suas hortaliças e outros produtos agrícolas que até essa época eram ali muito raros. A qualidade inferior das terras da colônia, sua situação topográfica e a absoluta falta de comunicação interditaram-lhe toda esperança de um futuro verdadeiramente próspero, e prometiam, quando muito, aos colonos e suas famílias a perspectiva de viver em certa abundância, resultado que chegaram a conseguir, mas não a ultrapassar.

Entre eles ou entre seus filhos, os mais inteligentes ou os mais empreendedores, apressaram-se a deixar a localidade logo que tiveram meios, e foram procurar em outros pontos ainda desabitados, terras menos ingratas e mais bem situadas. É assim que as terras desertas da nascente das águas termas do Cubatão, das nascentes do Biguaçu e do Camboriú, e as margens do Itajaí têm sido povoadas e cultivadas, e certo número de lavradores brasileiros estão imitando o exemplo dos colonos, seguindo-os muito de perto.

Escoaram-se mais de treze anos sem que se fizesse alguma nova tentativa desse gênero, e seria de desejar que se não realizasse segundo ensaio porque o primeiro não produzira nem poderia produzir qualquer resultado, apesar dos favores especiais do governo, que concedera terras e vultosa subvenção ao empresário. O Saí, apenas a uma légua da baía de São Francisco, defronte da cidade deste nome, fôra o local escolhido para o estabelecimento da nova colônia. A situação era favorável e as terras férteis, a despeito de montanhosas, e existiam tôdas as condições para o bom êxito do empreendimento, se não alimentassem o propósito de pretenderem realizar uma utopia, coisa talvez interessante para os que se comprazem em ler ou escrever exposições de assuntos fantasistas, mas de impossível execução como tudo o que sai do

caminho traçado à humanidade. Os partidários de Fourier repelem o comunismo com desdém; mas, para nós, tôdas essas teorias sociais são parentes próximos. Uma poderão ser mais sedutoras que as outras para o leitor que tenha, mais ou menos, a imaginação do autor; se às vêzes, porém, alguns sonhadores tentarem pô-las em prática, o resultado é sempre o mesmo e poderá traduzir-se em uma palavra — Nada! Foi o que aconteceu com a colônia falanstérica do Saí, que, apesar de constituída de certo número de bons elementos, isto é, de obreiros honestos hábeis e laboriosos, dissolveu-se quase ao nascer, sem ter produzido o que quer que fôsse, após esgotados os consideráveis recursos que o governo do Brasil lhe fornecera.

Uma colônia de italianos, fundada na mesma época, à margem do rio Tijucas, e denominada Nova Itália, teria tido melhor resultado se, tão feliz como a precedente, houvesse conseguido os mesmos favores do Estado. Infelizmente, o seu diretor, Sr. Schutel, conquanto o merecesse, nunca obteve nada do governo central nem da Província, e sem a ajuda que, fora de qualquer dúvida, seria proveitosa tanto para o País como para ele próprio, viu sua empresa malograrse, perdendo, provavelmente, a maior parte do capital que ali teria empregado.

Na Europa, as idéias de colonização ameaçavam então a dirigir-se com mais vigor para o Brasil, e passados cerca de dois anos, um belga, o Sr. Charles Van Lede, percorria a Província de Santa Catarina como representante de uma sociedade que pretendiam formar na Bélgica, e apresentava vasto projeto de colonização a ser pôsto em execução na citada Província, devendo elle requerer a concessão de 400 léguas quadradas de terras, nas quais seria estabelecida uma grande colônia.

Não é nosso propósito discutirmos aqui um projeto que não teve começo de execução, nem procurarmos saber porque essa empresa malograra antes de nascer. Após ter feito uma viagem à Europa, o Sr. Van Lede voltou ao Brasil e

adquiriu em Santa Catarina uma pequena extensão de terras na margem direita do Itajai, encaminhando para aquêlle sítio, no ano seguinte, algumas famílias belgas, sob a direção de duas ou três pessoas, às quais cedera uma parte das terras compradas por elle. Então acontecera o que quase sempre acontece no Brasil e, sem dúvida, em muitas regiões distantes da Europa: as famílias dos colonos não tiveram outra preocupação senão a de esquivar-se de cumprir os contratos por ellas aceitos e assinados, e cada qual não tardou a estabelecer-se por conta própria, sendo os únicos prejudicados aquêles que haviam tratado directamente com o Sr. Van Lede, fazendo-lhe adiantamentos. Aliás, as famílias belgas, a exemplo dos que anteriormente se haviam estabelecido à margem do Itajai, compraram terras, trabalharam por sua conta e, na maioria, prosperaram. Pouco tempo depois, a administração fundava outros núcleos coloniais; têm elles, porém, tão pouca importância e tão pouca probabilidade de prosperar, que nem vale a pena mencioná-los; existe hoje menos da metade, tendo a maior parte dos colonos abandonado as terras áridas para as quais haviam sido encaminhados, e ido estabelecer-se em outros lugares.

As duas últimas colônias fundadas na Província a de Blumenau e a de Dona Francisca, são, indubitavelmente, as mais importantes, e por isso, dedicar-lhes-emos mais tempo em sua descrição. Do ponto de vista de seu desenvolvimento e de sua prosperidade, uma colônia, como uma cidade, necessita da reunião de determinadas circunstâncias, e, às vêzes, a falta de uma só é obstáculo quase invencível. Pode-se, com efeito, edificar uma cidade onde se deseja, pode-se até decidir uma posição de uma capital como fizeram com Washington, mas não se pode criar onde se deseja uma cidade como Nova York, e somente um conjunto de elementos poderá produzir este alto grau de prosperidade a que chegam certos centros comerciais, ao passo que outros jamais chegam a prosperar.

Não basta a fertilidade de uma região para dar-lhe riqueza, mesmo na Europa, como testemunham as ricas planícies da Ucrânia, cujos habitantes se encontram em estado vizinho da miséria.

Estas linhas, pensamos nós, poderão aplicar-se à colônia de Blumenau, fundada no alto do Itajaí, em terras férteis, que, sem dúvida, fornecerão meios de subsistência, mais ou menos abundantes, aos seus moradores, sendo isso porém, de importância muito secundária.

Fundada no mês de agosto de 1850, com 17 colonos alemães, a colônia de Blumenau conta hoje (1860) cerca de 700 habitantes. A maior parte dos colonos estabeleceu-se na margem do Itajaí, fazendo ali roçados de grandes extensões, e, dada a fertilidade do solo, as colheitas de milho, a produção de açúcar, de aguardente, etc., têm sido muito abundantes, relativamente ao número de moradores. Como acabamos de dizer, há na colônia verdadeira abundância e a vida é barata, o que, a nosso ver, é precisamente o índice de uma situação pouco propícia e prova, sobretudo, de que a única saída existente é difícil e custosa para o escoamento dos produtos.

É o Itajaí, não resta a menor dúvida, o mais belo rio da Província, e as terras situadas à sua margem são das mais férteis; mas a barra é difícil e perigosa; e para chegar-se à colônia de Blumenau, precisa-se fazer um longo trajeto, gastando-se quase dois dias em canoa e mais tempo em embarcação pouco maior, capaz de transportar mercadorias. Há aí, pois, despesas que devem onerar pesadamente os produtos de pouco valor, tais como o arroz, a mandioca ou o milho, o que coloca os colonos em situação desvantajosa relativamente aos lavradores estabelecidos nos lugares mais próximos do mar.

Aliás, o trecho do vale que poderá ser servido pelo Itajaí é muito restrito, não sendo de esperar que julguem útil melhorar a barra do rio ou a navegação interior. Os terrenos situados pouco ao sul, sem dúvida nenhuma terão, no futuro, escoamento mais fácil e menos

oneroso para os seus produtos, por Porto Belo, que é uma ótima baía e será um dia aproveitada, e as terras situadas ao norte encontrarão por seu lado, mais vantagem na baía de São Francisco, de sorte que, futuramente, quando a Província dispuser de estradas em toda a sua extensão e por onde a natureza indicar, restará ao rio Itajaí servir apenas as terras situadas em suas margens, a pequena distância do próprio rio.

Enfim, um dos fatores da prosperidade de uma localidade, e frequentemente o principal, consiste em suas comunicações interiores e na posição que ela possa tomar nas futuras transações, como entreposto ou como ponto de passagem de mercadorias.

A esse respeito, a posição da colônia de Blumenau é ainda mais desfavorável, porque nenhuma localidade do planalto, situada a oeste da Serra Geral, jamais irá procurar o mar pelo porto de Itajaí, quando existem o de Santa Catarina e o de São Francisco.

Reconhecemos que a colônia de Blumenau é próspera e as terras dos arredores permitem que ela se desenvolva ainda mais; os colonos vivem na abundância e ainda há lugar para muitas famílias, que encontrarão ali as mesmas condições favoráveis; mas todo esse desenvolvimento e toda essa prosperidade se processam dentro de limites muito estreitos que nunca serão franqueados, quaisquer que sejam os esforços e os sacrifícios envidados.

A colônia de Dona Francisca é contemporânea da precedente, e foi no mês de março de 1851 que ela recebeu os seus primeiros colonos. Fundada por uma sociedade hamburguesa e instalada em terras que SS. AA. Reais, o Senhor Príncipe e a Senhora Princesa de Joinville cederam gratuitamente para esse fim, esta colônia teve, desde o início, elementos para desenvolver-se mais rapidamente, graças à obtenção de capital mais avultado e à ação da sociedade, cuja sede ficava na Europa.

Efetivamente, no decurso do primeiro ano, isto é, em 1851, a colônia de Dona Francisca recebeu

de Hamburgo 410 colonos, ao passo que a colônia de Blumenau teve o aumento apenas de quatro, durante o mesmo ano, mas, desde logo, a atividade do Sr. Blumenau, a ação de seus amigos e alguns ar-

tigos que êle mandara publicar na Europa, tornaram ali conhecida a sua colônia, sendo em várias regiões da Alemanha a única cuja existência não era ignorada.

(Continua).

★

VASCULHANDO VELHOS ARQUIVOS

FREDERICO KILIAN

Damos, a seguir, à publicação o teor da ata de instalação da Vila e Município de Blumenau. Essa ata foi lavrada no livro da Câmara Municipal, n.º 1 que foi grandemente prejudicado no incêndio ocorrido, há três anos, no edifício da Prefeitura de Blumenau. Muitas partes dessa ata, em virtude da ação do fogo, estão ilegíveis, o que justifica a sua publicação integral nesta edição dos "CADERNOS":

"AUTO DA INSTALAÇÃO DA VILLA E MUNICÍPIO DE SÃO PAULO DE BLUMENAU", e de Juramento e posse dos Vereadores eleitos para a Câmara Municipal da mesma Villa da Comarca de Itajahy da Provincia de Santa Catharina, como abaixo se declara":

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e tres, aos dez dias do mez de Janeiro do mesmo anno, marcado pelo Presidente da Camara Municipal da Cidade de Itajahy, o cidadão Luiz Fortunato Mendes, que se achava presente nesta Freguezia de São Paulo de Blumenau, comigo Francisco Victorino da Silva, Secretário da dita Camara, de conformidade com o Art. 3.º do Decr. de 13 de Novembro de 1832 e Aviso de 12 de Dezembro de 1882, para o fim de instalar a Villa e Município de São Paulo de Blumenau, creado pela Lei Provincial n.º 860 de 4 de fevereiro de 1880, achando-se também presentes os Vereadores da Camara Municipal da referida Cidade de Itajahy, Olympio Aniceto da Cunha e Ernesto Augusto de Bustamante, o Juiz de Direito Interino da Comarca Dr. João de Souza Marinho, o Administrador da Meza de Rendas Geraes de Itajahy Carlos Moreira de Abreu, o Delegado de Policia do Termo tambem de Itajahy Manoel Gonçalves Pereira, o Presidente convidou a tomar assento os Vereadores eleitos para a nova Villa, depois do que dirigindo-lhes uma allocução analoga ao acto lhes deferio o Juramento determinado pelo Art. 17 da lei de 1.º de Outubro de 1828; isto depois de proclamar instalada a Villa e Município de São Paulo de Blumenau e inaugurado a sua Camara Municipal, em virtude da lei da sua criação que é do teor e forma seguinte: — Lei n.º 860 de 4 de fevereiro de 1880 — Art. 1.º — Ficção desmembradas do Município de Itajahy As Freguezias de

São Pedro Apostolo, de Gaspar e São Paulo de Blumenau, para formarem um novo Município que se denominará Município de Blumenau. — § 1.º — a Séde do dito Município será a mesma Freguezia de São Paulo, que fica elevada à Cathegoria de Villa, com a denominação de — VILLA DE BLUMENAU —. § 2.º — os limites dêste Município são os mesmos das duas Freguezias mencionadas. — Art. 2.º — assim que os moradores tenham preparado casa em que deva funcionar a Camara Municipal será instalado o novo Termo da dita Villa, devendo a Camara reger-se pelas posturas do Município de Itajahy, até que ella organize quanto ao digo o Código pelo qual deve reger-se e seja elle aprovado pela Assembleia Provincial. — Art. 3.º — O novo Município fará parte da Comarca de São Francisco. — Art. 4.º — Fica creado no dito Município um officio de Tabellião do publico Judicial e Nottas, Capellas e Resíduos e execuções e Escrivão de Orphãos e Auzentes, para cujos cargos passarão os feitos findos e pendentés, iniciados no Antigo Termo. — Art. 5.º — Fica igualmente creado no dito Município uma Colletoria de Rendas Provinciaes, que será composta de um Colletor, um Escrivão e Guardas que forem julgados indispensáveis. — Art. 6.º — O Presidente da Provincia marcará as porcentagens que devem vencer o Colletor e o Escrivão tendo os Guardas direito tão somente a diaria de um mil reis quando embarcados, paga pelos donos das embarcações que carregar, nos portos do Gaspar e Blumenau. — Art. 7.º — Ficam revogadas as disposições em contrario. — E na forma desta Lei fica elevada à Cathegoria de Villa e Município, compondo-se desta Freguezia de São Paulo de Blumenau e da Freguezia de São Pedro Apostolo do Gaspar, sendo os limites do novo Município os marcados nas leis que designarão os limites de ambas as Freguezias, que de hoje em diante ficão desmembradas do Município da Cidade de Itajahy e pertencendo a Comarca do mesmo nome como determina o Art. 1.º da referida lei, por ter caducado o Art. 3.º da dita lei em virtude do Dec. de 18 de Novembro de 1882 que restaurou a Comarca de Itajahy. — Concluindo este acto o Presidente convidou ao Vereador Luiz Sachtleben que lhe pareceu o mais velho, como determina o Dec. 8.716 de 21 de Outubro de 1882, para assumir a Presidência e proceder a eleição do Presidente da Camara Municipal desta Villa como dispõe a lei n.º 3.029 de 9 de janeiro de 1881 e seu Reg. n.º 8.213 de 13 de Agosto do mesmo anno, e mandou lavrar o presente auto que vai assinado por elle e por todos os presentes comigo Francisco Victorino da Silva Secretário da Camara Municipal da Cidade de Itajahy que o escrevi. (Ass.) O Presidente da Camara Municipal de Itajahy: Luiz Fortunato Mendes — João de Souza Marinho — Carlos Moreira de Abreu — Manoel Gez. Pereira — Olympio Aniceto da Cunha — Ernesto Augusto Bustamante — Sachtleben — José Henrique Flores Filho — Otto Stutzer — Jacob Luiz Zimmermann — Francisco Salvio de Souza Medeiros — José Joaquim Gomez — Henrique Watson.”



GERTRUDES SIERICH (nata Blumenau)



No dia 27 de outubro do ano passado, Gertrudes Sierich, a única sobrevivente dos filhos do doutor Hermann Blumenau, fundador da cidade que lhe herdou o nome glorioso, completou 90 anos de existência.

Cercada do carinho, da estima e da veneração dos seus familiares, amigos e conhecidos, dona Gertrudes festejou a memorável data com um banquete no "Mühlenkamper Fährhaus" de Hamburgo, onde reside, e no qual tomaram parte 19 pessoas.

Gertrudes nasceu em Blumenau, em 1871, como quarto rebento do casal Dr. Hermann Blumenau-Bertha Repsold (o primeiro foi Pedro Hermann, falecido em 1917, na Turquia, e que nascera em Hamburgo,

a segunda Cristina, nascida em 1870 e o terceiro falecido poucos dias após o nascimento).

Fêz seus estudos em Blumenau, tendo regressado, com sua mãe e irmã, em 1882, para a Alemanha, depois que seu pai deixara a direção da colônia que fundara, por motivo da elevação desta a município e conseqüente emancipação.

Na Alemanha, casou-se, em 1898, com o comerciante hamburguês, Hugo Sierich que faleceu em 1917, deixando-a com uma filha, Gerda Sierich, casada com o capitão de corveta, reformado, Hermann Jacobi. Gerda Sierich também já é falecida.

Por duas vezes, depois de sua transferência para a Alemanha, a senhora Sierich visitou o município fundado por seu pai: em 1937, a convite da Prefeitura Municipal, quando prefeito o saudoso Alberto Stein, em companhia de sua irmã Cristina, tendo-lhes sido tributadas muitas e expressivas homenagens e, em 1950 (quando Cristina já era falecida), para assistir, ainda a convite do governo do município, as festas comemorativas do centenário da fundação de Blumenau.

Enriquecida de elevados dotes de espírito, de inteligência muito aprimorada e de fina educação, dona Gertrudes tem orientado tôda a sua existência pelos rígidos ensinamentos ditados na casa paterna, onde a austeridade do velho Blumenau não admitia o mínimo arranhão à moral, aos bons costumes, às regras de conveniências sociais, nem o mais leve desvio dos preceitos cristãos de amor a Deus e ao próximo.

Viu-se, por isso que lhe criou em tórno uma aura de geral sim-

patia, cercada de vasto círculo de relações, principalmente entre os descendentes dos antigos colonos que nela vêem ainda a concretização e o símbolo dos princípios que nortearam o fundador e que êle imprimiu à sua colônia, hoje transformada num dos mais futuros, ricos e prestigiosos municípios brasileiros.

Dona Gertrudes é cara aos blumenauenses. Eles a estimam e a veneram sinceramente, cordialmente.

Ao ensêjo, pois, da passagem do seu 90.^o aniversário, nós não poderíamos deixar de nos congratular com o município de Blumenau, com tôdas as cidades e municípios da bacia do Itajaí por êsse acontecimento e de felicitar-mos, vivamente, a veneranda senhora, almejando-lhe bençãos sem conta.

A fotografia que ilustra estas linhas foi apanhada no dia mesmo em que dona Gertrudes completava a nona década de sua útil e preciosa existência, por um reporter de jornal hamburguês e que foi cedida ao nosso arquivo pelo prestimoso colaborador, sr. dr. Werner Ahrens, de São Paulo, fazendo-a acompanhar de um exemplar do cardápio das iguarias servidas no banquete comemorativo daquele evento, nos aprazíveis salões do "Mühlenkamper Fährhaus", da vetusta Hamburgo.

RETRATOS DO PASSADO



O grupo que se vê nesta fotografia é do Coronel Costa e do Coronel Norberto e de outros oficiais e soldados federalistas das tropas maragatas que, em ... 1893, estiveram em Blumenau e que faziam parte do exército comandado por Gumerindo Saraiva. Como se sabe, tanto as tropas maragatas como as republicanas, estas comandadas pelos generais Lima e Pinheiro Machado, passaram por Blumenau, tendo travado sangrento combate em Itajaí, no dia 11 de dezembro

de 1893, no qual entraram em ação as tropas da marinha, que obedeciam a orientação de Custódio de Melo. Oportunamente, daremos aos nossos leitores um completo relato dos fatos que assinalaram a revolução de 93 no Vale do Itajaí. Tanto os "maragatos", como os "pica-paus", na sua passagem por Blumenau, poucos danos causaram, limitando-se a arrebanhar algum gado e requisitar mantimentos para as tropas.

Embora tôda a população de Blumenau fôsse mais simpática à causa flo-rianista, os partidários da Silveira Martins, ao atravessarem o Vale do Itajaí com as suas tropas, vindas do Rio Grande com destino ao Paraná, respeitaram a vida e a propriedade dos colonos e habitantes da cidade, restringindo-se as providências tomadas a algumas prisões.

As PALMEIRAS REAIS do Palácio dos Príncipes em Joinville

Dr. Carlos FICKER

Conforme documentos e cópias de cartas vindas da França, provamos no nosso último artigo "La Maison de Joinville" que o Palácio dos Príncipes não foi construído em 1872 como alegam os historiadores.

Começaram os trabalhos preliminares em setembro de 1866, os fundamentos e alicerces iniciados no começo de 1867, já em 1.º de maio do mesmo ano encontravam-se em estado adiantado. Feita em maio de 1869 a cobertura da casa, terminou a construção em novembro de 1870.

Diz Plácido Gomes: "AS PALMEIRAS", abrindo alas, prestam vasalagem ao Palácio dos Príncipes; nasceram elas quase com Joinville, com Joinville ganharam proporções e altura no esforço heroico e digno de subir sozinho". . .

Subiram as Palmeiras Imperiais realmente sozinhoas mas foram uma vez sementeas e plantadas; perguntamos novamente: "QUANDO FORAM PLANTADAS"?

Sendo a plantação de palmeiras um acontecimento realmente de pouca importância histórica, não esperavamos encontrar muito material escrito ou documentado. Em publicações recentes encontramos a opinião de alguns historiadores, que único motivo e também lógico, de terem sido plantadas as palmeiras, era a predileção e verdadeiro amor do Príncipe de Joinville pelas palmeiras, citando uma exclamação do príncipe por ocasião da sua primeira visita ao Brasil em 1833. . . "partout le cocotier, ma arbre favori! . . ."

Em primeiro plano "COCOTIER" é Coqueiro e não palmeira. Palmeira em Francês é "palmier" e temos a impressão que o príncipe apesar do seu amor pelos coqueiros manifestado em 1838, não transformou seu velho sonho em realidade 35 ANOS mais tarde,, quando autorizou por intermédio da firma administradora em Paris, E. Bocher, a construção duma casa de administração na Colônia Dona Francisca. Ficando a administração interna da "Domaine" ao cargo e critério da firma E. Bocher em Paris e ao respectivo representante em Joinville, o príncipe residia em Claremont e Neuilly e de certo pouco se interessava com a plantação de algumas palmeiras no seu terreno em Joinville. Porém não queremos desiludir as almas românticas e os historiadores convencidos, que graças ao verdadeiro amor do príncipe pelos "COCOTIERS", Joinville hoje pode apresentar um castelo no final de longa e bonita alameda de palmeiras.

Através das transcrições sobre "la maison de Joinville" verificamos que a construção da casa de administração, a divisão interna, o lugar escolhido — afinal toda a construção ficou integralmente ao critério e responsabilidade do Snr. Frederico Bruestlein.

O mesmo acontece com a plantação das "Palmeiras Imperiais". Transcrevemos em seguida o único documento encontrado sobre este acontecimento, que na época não mereceu mais atenção que breve notícia sobre a despesa extra de 50 mil réis com a plantação das pequenas mudas de palmeiras, que transformaram-se em majestosa alameda,

dominando hoje em dupla fila a "Alameda Bruestlein", o Palácio dos Príncipes" e a cidade tôda.

"Joinville, 5 décembre 1873" Monsieur l'Administrateur!... "les dépenses de l'adminstration sont les mêmes que les annés précédentes. Il a été insérét une somme de 50 milreis pour planter une allée de palmiers. J'ai planté les grains de ces palmiers en 1867 et oujourd'hui les jeunes arbres ont atteinint la grandeur qu'il faut pour les transplanter. Les arbres doivent former une double haie de long de l'allée qui relié la rue du Prince avec la maison de Leurs Altesses Royales..."

Com esta carta temos a prova documentada que as palmeiras já foram sementeas pelo Snr. Bruestlein em 1867 e replantadas em 1873. Perguntamos como o Snr. Bruestlein conseguiu em 1867 sementes das Palmeiras Reais? Evidentemente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Presumimos que era o Diretor da Colônia Dona Francisca, Snr. Johann Otto Louis Niemeyer o portador dos grãos em junho de 1867, voltando do Rio de Janeiro nesta data, onde permaneceu desde outubro de 1866 para resolver pessoalmente o caso do famoso desfalque cometido pelo agente da Sociedade Colonizadora no Rio, Snr. Koehler (Koehleraffaire). Durante a sua estadia no Rio, o Snr. Louis Niemeyer teve conferências e audiências com sua Majestade o Imperador, o Conde d'Eu e o Ministro Azambuja, preparando em forma diplomática o novo contrato entre o Governo Imperial e a Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo (a modificação e alteração do velho contrato de 1865). Finalmente este novo contrato foi assinado pelo Governo Imperial e o novo agente da Sociedade, Snr. Georg Adolf Otto Niemeyer, irmão do diretor da colônia, em abril de 1867. Voltando a Joinville em junho do mesmo ano, o diretor Niemeyr com muita probabilidade trouxe as sementes, possivelmente doadas por pessoa da côrte. É realmente a única hipótese e teoria provável em todo o nosso trabalho sôbre as Palmeiras Reais, pois não encontramos dados documentados.

Como é sabido, de um hórto de iniciativa particular se originou o Jardim Botânico no Rio de Janeiro. O Príncipe Regente D. João VI. se interessava muito pela aclimação das especiarias e outras plantas de proviniência exótica. Por isso, de quantas mudas ou sementes lhe chegassem, tratava logo de plantá-las no aludido hórto, que, dentro em pouco, apresentava pés de cravo da Índia, pimenta do Reino, cana na Caiena, cânfora, canela, cinamoma, moscada e a maior variedade de árvores frutíferas exóticas.

Veio-lhe em 1809 das Antilhas a "planta mater", a imponente palmeira Real, que D. João ali plantou por suas próprias mãos. (Conforme Gastão Cruls). Ordens severas foram dadas para que dêle não se fornecessem sementes a ninguém. Mas o que é proibido é sempre tentador. A trôco de uns cobres passados aos escravos do jardim, muita gente conseguiu sementes e em pouco viam também nos seus parques e jardins rebentos legítimos da palmeira real, hoje tão disseminada por todo o país. (Conforme S. Desker na sua obra botânica, as Palmeiras Imperiais "Oreodoxa Oleracea", com mais de 40 metros de altura, vieram das Antilhas. Sômente uma "planta mater" foi plantada "por El Rei Dom João em 1806", e deste exemplar se originam tôdas as outras palmeiras imperiais que encontramos espalhados no território brasileiro).

Imperiais “Oreodoxa Oleracea”, com mais de 40 metros de altura, vieram das Antilhas. Sômente uma “planta mater” foi plantada “por El Rei Dom João em 1806”, e deste exemplar se originam tôdas as outras palmeiras imperiais que encontramos espalhadas no território brasileiro.

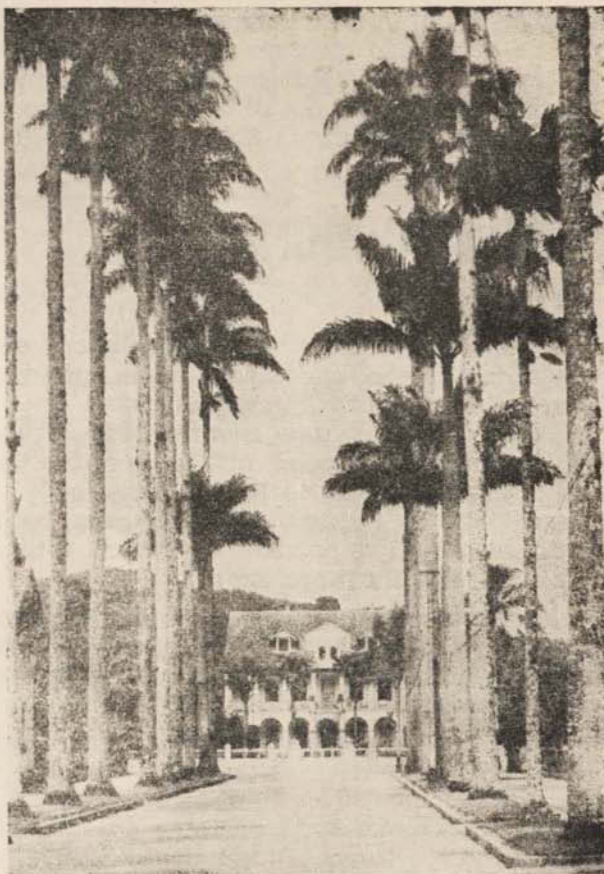
Não temos dúvida que o Snr. S. Decker tem razão com os dados botânicos, porém cometeu graves êrros históricos com tal afirmação, pois D. João VI veio ao Rio apenas em 7 de março de 1808, não como “El Rei” mas sim como Príncipe Regente, pois ainda vivia a sua mãe, Maria I. Com a morte desta, em 1816, D. João recebeu o título de El Rei.

Em 1810 no hôrto botânico, se iniciou a cultura do chá com plantas importadas de Macau e para cujo trato vieram perto de 200 chineses, formando uma colônia própria. Em 1819, com o nome de “Real Jardim Botânico”, o parque da Lagoa Rodrigo Freitas foi anexado ao Museu Nacional e aberto ao público.

Não temos dúvida que o Snr. S. Decker tem razão com os dados botânicos, porém cometeu graves êrros históricos com tal afirmação, pois D. João VI veio ao Rio apenas em 7 de março de 1808, não como “El Rei” mas sim como Príncipe Regente, pois ainda vivia a sua mãe, Maria I. Com a morte desta, em 1816, D. João recebeu o título de El Rei.

Em 1810 no hôrto botânico, se iniciou a cultura do chá com plantas importadas de Macau e para cujo trato vieram perto de 200 chineses, formando uma colônia própria. Em 1819, com o nome de “Real Jardim Botânico”, o parque da Lagoa Rodrigo Freitas foi anexado ao Museu Nacional e aberto ao público.

Não encontramos nos livros dos viajantes famosos da época, como Charles Ribeyrolles, Gardner, Maria Graham ou Martius, todos curiosos da nossa flora tão rica, descrições das palmeiras imperiais, é claro.



O excesso de plantas exóticas escondeu as pequenas mudas da "planta Mater" e uma única palmeira real com a idade de 10 e mesmo de 20 anos de certo não chamou a atenção dos visitantes do Jardim Botânico, apesar que deste exemplar se originam tôdas as outras palmeiras imperias espalhadas no Brasil, entre estes os belíssimos exemplares que formam hoje a dupla fila e majestosa alameda de Palmeiras Reais em Joinville.

REMINISCÊNCIAS

Alice von MOERS

A casa em que o doutor Blumenau morou, antes de mudar-se para a Casa da Direção, encontrava-se no fundo de um grande jardim, na Palmenallee (rua das Palmeiras).

Este jardim era uma manifestação viva do amor que o fundador de Blumenau tinha pelas plantas, muitas das quais êle trouxera das suas diversas viagens ao Rio de Janeiro.

Ao longo da rua, em vez de calçada, havia um lindo gramado e o portão, pelo qual se entrava no jardim, estava coberto por uma trepadeira de lindas florinhas azuis.

Mais para perto da casa, um cerrado grupo de grandes dracenas, com suas folhagens escuras e algumas palmeiras formavam um pequeno bosque no meio do qual se via um grande grupo artificial de pedras entreplantadas de orquídeas.

Para se ir ao portão à casa, passava-se por um largo caminho bordado de lírios de flôres listadas de vermelho e branco. E, à esquerda, em canteiros sucessivos, floresciam as mais variadas plantas, arbustos e trepadeiras, emanando perfume entontecedor. Era um verdadeiro encanto, um legítimo "Blumenau" (campo de flôres), que alegrava o coração da gente.

A casa, ao rés-do-chão, tinha na frente uma varandinha com dois bancos e cujo telhado fôra tomado por trepadeiras côr-de-rosa a que os brasileiros dão o lindo nome de "amor agarradinho", ou "sete léguas", como se chama em São Paulo.

Na parte da frente da casa, que era de material, situavam-se a sala, um gabinete à direita e um quarto, onde dormiam as filhas, à esquerda. A parte de trás era de madeira e separada da outra por um corredor com piso de tijolos. Nesta parte havia uma grande cozinha que também servia de sala de jantar, com um fogão sem chapa, com grade de ferro de quatro ganchos nos quais eram dependuradas as panelas.

Ao lado da cozinha estava o grande quarto de casal com duas janelas que davam para o quintal onde, pouco adiante, cresciam um pé de araçá, um de gabioba e um outro de ameixas do Pará, frutas muito cobiçadas pela criançada da vizinhança, e um vasto gramado que se estendia até às barranqueiras do "Garcia", cobertas de taquaral cerrado.

A casa vizinha, onde havia morado a família Wendeburg, fôra, em 1886, vendida a Paulo Schwartzter.

Quando o dr. Blumenau fixou a sua residência na Casa da Direção, a moradia a que nos referimos foi alugada, primeiramente a um casal e depois a dois senhores, recém-chegados da Alemanha, o Conde von Westarp e o Barão von Coppy. Eram senhores solteiros, muito dados à equitação; por isso muitas vezes e por longo tempo ausentes de casa. Tinham uma caseira que dela tomava conta.

Nós, a criançada das duas casas vizinhas, e da casa em frente, interessávamos-nos muitíssimo pelos novos inquilinos. Pasmacamos as suas calças de couro para a montaria, às quais estavam prêsas às botas. Estas, a caseira costumava pendurar na porteira ao lado, depois de as limpar e engraxar.

A curiosidade picava-nos cada vez mais e suspirávamos por dar uma olhadela lá dentro da casa.

Um dia, a sorte nos foi propícia. Certa tarde, brincando na "Palmenallee" vimos os dois senhores saírem e sabíamos que a caseira não estava na ocasião. Não nos contentamos em brincar, apenas no jardim, como em outros dias. Queríamos mais; queríamos ver o que havia dentro da casa. Em crianças de 5 e 6 anos, como eramos, essa curiosidade era perdoável.

Mal, porém, tinha o nosso bando invadido a casa começámos a fazer artes. Aquela roupa estendida nas camas e nas cadeiras não serviria para nós? Era só experimentar!...

Um guri vestiu uma calça, outro um paletó. Eu, sentada no chão, calcei um par de meias, as outras meninas escolhiam o que mais lhes agradasse quando, de repente - que horror! - ouviu-se um furioso:

— "Wollt ihr wohl!" (Já para fora!) que vinha do portão da rua. Eram os inquilinos que regressavam.

Que susto foi o nosso! Com a ligeireza de raios pulamos pelas portas e janelas, jogando ao chão, na fuga, as roupas e adôrnos com que havíamos nos enfeitado. Eu pude, ao correr, livrar-me de um pé de meia; mas com o outro enfiado trepei, às cegas, por um bellissimo pé de carambola que existia no fundo do quintal. Lá em cima, sentada nos seus galhos, não havia mais perigo. Mal tínhamos alcançado os galhos mais altos, os dois senhores chegaram ao pé da árvore e, lá de baixo, passaram-nos um pito daqueles...

Escutamos em silêncio a reprimenda; entretanto ela em nós não despertou nem vergonha, nem arrependimento. Sentíamos, sim, um grande alívio, um sentimento de segurança que nos proporcionavam os mais altos galhos da caramboleira.

Remorso, de que?

Outro dia, tornamos a meter-nos no jardim. Um dos senhores tocou-nos do paraíso. E nós, cheios de raiva, sentámo-nos na cêrca gritando-lhe, em côro:

— "Est ist ja garnicht dein Land! Es ist já garnicht dein Land!" (O terreno nem é teu!...)

Mas meu pai pôs fim à façanha e à gritaria com ralhos severos...



A 28 de fevereiro de 1927 faleceu, em Blumenau, o sr. Oto Stutzer, que foi Superintendente dêste município de 1895 a 1898. Nascera na Alemanha a 3 de fevereiro de 1836, tendo, portanto, falecido com 91 anos

UMA CARTA DO DR. BLUMENAU

Na edição de julho, último, dêste mensário, falamos de Júlio Baumgarten, um dos fundadores da Colônia, publicando alguns dos seus "Apontamentos", referentes aos primórdios de Blumenau. Júlio viera, em 1853, recomendado ao dr. Blumenau, por seu pai, que era dignatário (Superintendente) da igreja evangélica na Alemanha, e que, seguidamente, escrevia ao fundador do nosso município, pedindo notícias da situação e do comportamento do filho, então rapaz novo e solteiro.

É a resposta do Dr. Blumenau a uma dessas cartas, que publicamos a seguir. Uma carta interessante e muito significativa. Foi escrita num dos períodos mais críticos da vida do dr. Blumenau e, por isso mesmo, é de redobrado valor histórico e para a qual chamamos a atenção dos estudiosos do passado blumenauense:



Blumenau, 12 de dezembro de 1856

Mui reverendo
Senhor Superintendente.

A sua segunda e amável carta, de 26 de setembro, recebi somente ante-ontem, após ter a mesma ficado retida, lamentavelmente, durante bastante tempo em Santa Catarina e quando já me dispunha a responder a sua primeira missiva de 12 de abril. Outras correspondências urgentes impediram-me, até agora, desta desincumbência; confio, entretanto na sua complacente benevolência, quanto mais que o Senhor, neste meio tempo, terá recebido notícias de seu filho, por várias vezes, e colhido sossêgo nas mesmas.

Permita-me o Senhor primeiramente penhorar-lhe os meus agradecimentos por estas duas gentis missivas e confiança expressa nas mesmas. Cartas desta espécie, mesmo que representem compromissos para mim, aos quais nem sempre é fácil corresponder devidamente, sendo ainda, muitas vezes, nada menos do que agradável, pois por vezes — ou até quase sempre —, apesar de ter cumprido com tais compromissos que eu não desejara, mas fôra compelido a assumir, recebi em troca a mais insolente ingratição, e prejuízos econômicos diretamente da parte dos que me haviam sido recomendados — : concebo-as, ainda assim, como pontos luminosos na luta e orientação da minha vida, onde me encontro pela vontade do destino e própria decisão.

O combate constante na Alemanha e com a mesma, em favor do Brasil em geral e do meu empre-

endimento em particular, sem poder desvencilhar-me dêle... Ao Senhor, como aos meus parentes de lá, o caso, naturalmente, nem se torna perceptível, pois esta guerra está sendo travada às escondidas, constituída de pequenas intrigas e hostilidades, contra as quais a defesa se torna difícil e, portanto, mais desagradável ainda, requerendo esclarecimentos meus em correspondência particular. Não raras vezes, estou sendo importunado com missivas de frases pomposas, cheirando a incenso, onde a unha de gato do aproveitador premeditado, ou a intenção de apanhar-me em uma armadilha, é tão habilmente disfarçada que eu, ingênua, — ou se o Senhor achar — tontamente acabei caindo.

Aqui mesmo — vítima dos mais variados aborrecimentos, desilusões e perseguido de reclamações, que, ainda com a melhor boa vontade, não é possível satisfazer a todos — encontro-me rodeado de preocupações. O meu empreendimento, uma vez iniciado, e que me orienta como meta da minha vida —, não sabendo se consiga desenvolvê-lo e poder levá-lo a um estado que não mais necessite da mão orientadora, mantendo-se pelo próprio impulso, — dependendo êste objetivo, unicamente, das minhas energias e poucas posses econômicas, — nestas circunstâncias, meu ilustríssimo Senhor, não há de admirar-lhe que eu, a cartas como as suas, transmitindo reconhecimento sincero e confiança verdadeira, chame de pontos luminosos na minha vida.

Proclamo-lhe, assim, mais uma vez, os meus melhores agradeci-

mentos pelas mesmas, e a confiança, tão honrosa para mim, nelas manifestada. Isso com mais prazer ainda, por ter tido oportunidade de observar, desde o recebimento de suas primeiras linhas, demoradamente, o seu filho, e chegado a criar-lhe amizade, podendo manifestar agora a convicção de não existirem razões para contar com futuras decepções amargas, como as que já experimentei em outros casos, da parte de jovens a mim recomendados.

Qualquer acréscimo da nossa comunidade, com jovens corretos, acostumados ao trabalho, ou, no mínimo, com disposição para o mesmo, se possível, providos ainda de algumas posses — é para nós agradável e de grande valor. Sendo o novato, porém, um rapaz tão são, culto, divertido e vivo — (o Senhor deve saber que os velhos alemães aqui intitulam de “rapazes” a quem não tenha no mínimo os seus 28 anos, seja pai de 3 a 4 crianças e casado há longos anos —) como o seu filho, demonstrando senso prático, sendo econômico, ativo e incentivador, possuindo um fundo monetário como ele, representa uma satisfação ainda maior, por não tratar-se, neste caso, de simples fator de aumento da colônia, mas de progresso da mesma.

Contanto que tenha persistência, o que, é verdade, só no decorrer dos anos e nas épocas difíceis, constatar-se-á, — se impõe o prognóstico de um futuro progressista para ele. De resto, contribui ele ainda para a ampliação do círculo social, o que também se constitui vantagem.

Eu gosto sinceramente do pequeno “Burgomestre de Lichtenburg” (ele deu este nome à sua propriedade, tendo recebido, então, não sei de quem, este título, que, possivelmente levará ao túmulo) — e a confiança com que ele me procura, solicitando-me conselhos, me enche de alegria.

Sou-lhe, meu Senhor, portanto da mesma forma grato, por tê-lo para cá encaminhado, como o Senhor se manifesta a meu respeito, por empenhar-me em orientá-lo e aconselhá-lo.

Que não lhe sobrevenham, porventura, dissabores e dias escuros — quem lh'o poderia garantir? Que

em tais circunstâncias êle chegue a perder o ânimo com a facilidade de muitos outros, entretanto, não creio, por ter-se ambientado já muito bem, sem ambições exageradas no tocante a lucros fáceis, como se verificou com outros, anteriormente aqui chegados nas mesmas condições. Sendo êle econômico e de muito tino, — o que eu não tenho a satisfação de poder declarar ter demonstrado com a idade que êle tem, tenho a firme esperança que êle agüente aqui, conquistando uma existência folgada, alegre e independente, sendo que o restante convém confiar Àquele que vela por nós todos.

Caso lhe sobrevirem, entretanto, — de que Deus o queira preservar — horas de amargor, ser-lhe-hei apóio, onde e como puder. Eu passei por muitas destas horas, e sei o que vale então um amigo sincero. Sem tal amparo, dificilmente estaria eu ainda aqui, ou entre os vivos. Quando tudo desabou em cima de mim, ameaçados de frustração todos os planos da minha vida, e a noite do desespero começou a envolver-me a lucidez, sob os escombros da felicidade perdida, êste amigo, e mais outra pessoa, me ampararam, quais anjos da guarda, e o que eles por mim fizeram, me amparando e reerguendo, sinto-me na obrigação de fazer também por outros.

Em que seu filho atualmente se ocupa, como quais sejam os seus planos imediatos, terá êle mesmo comunicado ao Senhor, ou informar-lhe-á ainda.

Infelizmente teve êle, recentemente, prejuízos pela perda de um bom cavalo e de uma canoa, sofrendo, ainda, já há bastante tempo, de pés enfermados, consequência, talvez, de aclimatização. Também eu porém, estou atormentado. há cerca de três meses, com eczemas em diversas partes do corpo, que só agora estão melhorando um pouco. Esta primavera não foi muito saudável, ocorrendo dias bastante quentes, até 28°R., e isso mais cedo do que geralmente acontece. Em compensação, temos agora, faz oito dias, tempo chuvoso e refrescado, aliviando a terra sedenta e os nossos corpos.

Alguns aborrecimento o Júlio tem com trabalhadores; por outra, entretanto, também a sorte de ter conseguido uma família, sem crianças, da Colônia de Dona Francisca, com a qual ele está muito satisfeito. Foi ótima aquisição para ele, e fiquei contente também, que essa gente, que a mim se havia dirigido, e eu recomendei então ao Júlio, resultasse em sucesso. Conseguiu ele, assim, uma administração organizada para a sua casa, o que vale muito.

Em benefício do Júlio presenteei um jovem imigrante com um lote de 100 geiras ("Morgen"), pretendendo atrair, aos poucos, ainda mais gente à vizinhança de sua propriedade. Júlio não é mais, desta maneira, o morador mais avançado naquela região, e, provavelmente, já no próximo ano, estabelecer-se-ão diversas famílias no outro lado do rio, ou até na mesma margem onde ele está morando. É preciso ter-se paciência. Sallentien também me enchia os ouvidos, outr'ora, de lamúrias, queixando-se de ficar isolado, provavelmente para sempre, lá em cima, quando agora, atendendo ao apêlo de Júlio, no sentido de arranjar-lhe vizinhos, quando mal eu havia feito a proposta de presentear com 100 geiras de terra ao primeiro que se apresentasse para aí se estabelecer, logo vieram 3 pretendentes: sendo aquela região muito linda e o solo ótimo, valendo a geira já agora 2 mil réis, só dei a um o que prometera, e assim, também só para cumprir a palavra um tanto precipitada.

Aparentemente Júlio não mais se ressenha da solidão, nem suspira por uma vizinhança numerosa, certamente por sentir-se agora, resolvido o problema doméstico com a chegada da respectiva família, bem cuidado e à vontade.

Aquí, nesta terra, a propriedade rural de um solteirão, entregue aos serviços agrícolas, é desoladora, tornando-se insuportável mesmo, com o tempo, a quem não consiga os serviços de uma família, ou então, se tornam insensível de vez. Também eu passei por isso, se bem que não da maneira, como por exemplo Kellner.

Conceño-me cada vez mais que, quem se estabelece com o objetivo

de cultivar a terra, sem uma boa dona de casa decairá aos poucos. No meu relatório do corrente ano, que o Senhor talvez tenha lido, assinalei este pormenor com veemência, tendo, por isso, sofrido críticas, aquí como em além-mar, de diversas partes. Entre outros, chegou aquí um tipógrafo que, durante os primeiros oito dias caçoou de mim a valer. Já depois de oito semanas ele opinou: "sim, o Senhor teve razão, fui um paspalhão, não tendo trazido logo a minha noiva, pois a mulher aquí é indispensável, como é precioso o pão. Mas como é que se poderia imaginar isso na Alemanha?" O melhor conselho que o prezado Senhor pode dar, portanto, a emigrantes com posses regulares, é o de trazerem uma espósa, não acostumada demais a distrações dos meios urbanos, nem muito mimada, mas boa administradora dos serviços domésticos! O primeiro ano, aquí, há de ser penoso para uma mulher, e ela não deixará de queixar-se, mas, depois de um ano, estará ambientada, depois de dois anos satisfeita e, em 3 anos, nem mais sentirá saudades das condições de vida na Alemanha. Convém o Senhor fazer ciente disso o amigo de seu filho. Não é brincadeira, não, é absolutamente sério!

Claro que um assunto tão grave, que terá influência decisiva sobre toda a felicidade da vida, deve ser considerado com bastante critério, mas é um fato comprovado que, em países novos, onde as condições de vida são mais simples e naturais do que na Europa, e aquí nas cidades, uniões matrimoniais infelizes são bastante raras. Vive-se aquí, longe de grandes divertimentos e agitações, mesmo assim prazerosamente, e a chama do fogo doméstico, em parte alguma é tão acolhedora como no lar na selva. Mesmo eu sinto isso, que não tenho espósa amante que me receba, chegando em casa.

Os muitos homens solteiros aquí, em ambiente tão diminuto, representam, por vèzes, para mim, séria preocupação, e desejaria muito que os mais velhos entre eles, Sallentien, Kellner e Gaertner, estivessem casados ou casassem, quanto antes. Enquanto isso não aconteça, tudo só tem um laivo de pro-

visório, não inspirando a sensação de estabilidade.

Talvez o senhor estranhe êste panegírico ao matrimônio feito por mim, que sou celibatário. Acontece, porém, que no meu caso interferem certas considerações e conveniências que não ocorrem com a maioria dos demais emigrados, mas que a mim me impedem de prender-se a uma mulher e esta ao meu destino. Por ora, devo considerar-me, ainda, um semi-nômade, mesmo que comece a rebelar-me contra êsse fastio, anelando condições de estabilidade para a minha vida, não se concretiza a realização dêsses planos com a desejada urgência e facilidade e, enquanto isso, vou me tornando maduro, para o qual não há mulher que sirva e que não mais convém a mulher alguma.

Não se pode reunir tudo num só objetivo. Êstes embaraços da minha situação não se aplicam, entretanto, à quase totalidade dos jovens que emigram com o objetivo de conquistar, no novo mundo, uma posição garantida e tranqüila, seja em forma de propriedade rural ou no desempenho de alguma profissão, restrito o plano pré-estabelecido aos seus interesses próprios, unicamente.

Recentemente, tivemos aqui visita da Colônia Dona Francisca de dois ex-tenentes do Grão Ducado de Schleswig-Holstein, atualmente os dois melhores e hábeis colonos de lá, que pretendem transferir-se para cá, o que não deixará de provocar atenção. Se eu tivesse os meios necessários, poderia facilmente promover a transferência de 50 a 150 pessoas ativas para esta colônia, como elas desejam. Visitamos, juntos, o Burgomestre e a propriedade do Kellner, sendo que no primeiro consumimos alguns peixes recém-apanhados, num almoço bem preparado pela Frau Sch...

Um daquerreotipo, dependurado da parede, retratando o senhor

junto com as senhoritas suas filhas, despertou a unânime admiração, tanto da minha parte, como dos jovens presentes, entre os quais lamento não mais poder me contar, por ter já ultrapassado o "equador" da minha vida, marchando em direção do "trópico de capricórnio", enquanto a "lua" já marca no meu crânio, quase o primeiro quarto.

Que tenha sido demonstrado ao Senhor, como pai do nosso valente Burgomestre e de duas tão simpáticas filhas a devida respeitosa atenção, é incontestável, mas, supondo o Senhor conhecedor da novela de Zachoske "O solar dos Cranhack", poderá deduzir que esta, mesmo assim, foi secundária, concentrando-se a contemplação principalmente nas duas donzelas! Foram brindadas bastante, como se bebeu também à saúde do Senhor, não desmerecendo o objetivo que a bebida tenha sido a simples, mas boa cachaça, ótima, até, e que não devia receber o confronto com vinho menos excelente, muito mais que, com êste mesmo, já se brindou à saúde de muitos, desde o primeiro lagar de Noé, sendo ainda que, nestas paragens, o vinho bom é raridade. O mais animado de todos foi o amigo Sallentien, porquanto o coitado tem o azar de não poder enxergar um rosto feminino bonito, blusa ou avental engomado, sem entusiasmar-se, sendo que, ao que parece, o mal tornou-se crônico, como no meu caso já alguns males físicos.

Eu gostaria muito de continuar conversando mais um pouco, porém o papel está por terminar e o meu tempo a esgotar-se.

Receba o Senhor os meus cordiais cumprimentos, na perspectiva que me venha alegrar, brevemente, outra vez com algumas linhas, aceitando os protestos de sincera consideração e respeito do seu submisso

Dr. Blumenau.

★

Em 2 de fevereiro de 1849, nasce na Silésia, Alemanha, Carlos Klein que, em companhia de seu pai, Teodoro, imigrou em Blumenau em 1856. Foi agrimensor e professor primário. Escreveu contos e novelas, tendo por tema a vida colonial. Destacam-se, entre êsses contos: "Os sinos de prata de Vila Rica", publicado em revistas da época. Morreu em Blumenau em 1922.

“Estante dos “Cadernos”

Graças à gentileza do nosso colaborador, sr. Frederico Kilian, veio-nos às mãos o n.º 26, de dezembro de 1960, da magnífica revista hamburguesa, PRALINE, publicação ilustrada, quadrimestral, destinada ao lar, às modas femininas, às notícias de viagens e distrações. Uma revista de grande tiragem e de larga aceitação em toda a Alemanha. O número que temos sob as vistas, traz, nas páginas 39 até 44, uma interessante reportagem sobre Blumenau, com várias vistas coloridas da nossa cidade, das suas indústrias, dos seus pontos aprazíveis. Uma vista parcial da cidade, com as pitorescas montanhas que a emolduram, com o rio que lhe dá imponência e poesia, toma duas páginas em belas côres. Uma vista alegre e impressionante. A reportagem, que é assim e tão lindamente ilustrada, conta coisas interessantes da nossa cidade e foge à maneira surrada que geralmente caracterizam os artigos que, a respeito de Blumenau, são, de quando em quando, publicados na Alemanha. Mostra Blumenau como ela é, com as cenas típicas da vida diária do seu povo trabalhando e se esforçando para o engrandecimento do Brasil, glorificando o seu passado de trabalhos e sacrifícios e tendo, sempre presentes, os exemplos que trouxeram da velha pátria os civilizadores do Vale do Itajaí, exemplos que merecem ser guardados e seguidos porque, alicerçados neles, foi que os blumenauenses conquistaram, para a sua cidade, para o seu município, a grandeza de que, mui justamente, se orgulham no presente.

Reportagens como essa, que PRALINE publica, são de incontestável proveito para Blumenau, para a maior divulgação do que temos, do que somos, e do que já fizemos e poderemos ainda fazer para o engrandecimento nacional.

“SELLOWIA” — Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues, de Itajaí — N.º 13, de 15 de dezembro de 1961 — Agradecemos a remessa dessa utilíssima publicação. O número em apreço traz eruditas colaborações do Pe. Raulino Reitz sobre “Vegetação da zona marítima de Sta. Catarina” e “Minimiáceas catarinenses”; de N. F. Matos, sobre “Portulacaceae de São Joaquim”; de J. R. de Matos, sobre “Onagráceas Joaquinenses”; de A. L. Cabrera e N. Vittet, sobre “Compositae Catarinenses”; de C. F. Rizzini, sobre “Lorantácea catarinenses”; de L. B. Shmith sobre “Spigélia Dusenii”, nova espécie do Paraná; de H. P. Veloso e M. R. Klein sobre “As comunidades e associações vegetais da mata pluvial do sul do Brasil”; de J. Cuatrecasas sobre “A new burceracea from Santa Catarina”, e, finalmente, de C. D. Legendre sobre “Mirtáceas del Estado de Santa Catarina. Nas suas páginas finais, a revista presta uma justa e significativa, tanto quanto comovente homenagem à memória do Padre Balduino Rambo, conhecido cientista, há poucos meses falecido no Rio Grande do Sul.



A 29 de fevereiro de 1852, Reinhold Gaertner, sobrinho e secretário do dr. Blumenau, seguiu em companhia de Ricardo Maurer e de Frederico Poepel, até a sede da Colônia Dona Francisca (Joinville), a fim de estudarem as condições de vida dos colonos daquele estabelecimento, fundado no ano anterior.

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

NOVEMBRO DE 1961

1.^o — A enchente que, no dia anterior, vitimara seis blumenauenses, atinge o nível máximo, com 11,8 metros. No decorrer do dia, as águas baixam para 10,70, subindo pouco depois em consequências de novas chuvas ocorridas nas nascentes do Itajaí-açú. Ruas da cidade e parte da rodovia Jorge Lacerda permanecem vários dias sob as águas.

2 — Chega o primeiro auxílio enviado pelo governo de São Paulo: um helicóptero, trazendo vacinas anti-tíficas e anti-variolíticas, tendo o aparelho pousado no pátio do Colégio Sto. Antônio.

3 — Para avaliar pessoalmente da situação, chega o governador Celso Ramos, viajando em helicóptero.

Formam-se turmas de auxílio que percorrem a cidade angariando donativos de mantimentos e roupas para os flagelados das zonas pobres da cidade. A Prefeitura manda distribuir pães, gratuitamente, entre os necessitados. Postos de abastecimento são instalados por conta de firmas industriais, havendo, por parte de todos, manifesta solidariedade aos atingidos pela catástrofe. O dr. Marcílio Medeiros, juiz de Direito da Primeira Vara, orienta e preside a "Campanha de Assistência aos flagelados" pela qual foram atendidas mais de duas mil famílias.

4 — O presidente João Goulart sobrevoa a região inundada, pousando, depois, em Itajaí onde debateu as medidas viáveis de auxílio com o governador Celso Ramos, tendo mantido contacto telefônico, através do rádio, com o prefeito de Blumenau e dirigido, também, palavras de conforto às populações flageladas.

5 — Com pequena assistência, reflexo ainda dos recentes

acontecimentos, apresenta-se, no Teatro Carlos Gomes, o "Coral Beethoven", do Paraná, de 55 figuras, sob a regência do professor Elmar Hasse.

9 — Divulga-se a notícia da nomeação do dr. Marcílio Medeiros para o Tribunal de Justiça do Estado, como desembargador, na vaga deixada com a aposentadoria do dr. Hercílio Medeiros. Por motivo dessa promoção, realizam-se, durante o mês, numerosos jantares de despedida e homenagens ao benemérito Dr. Marcílio da Silva Medeiros, há longos anos juiz de Direito da Comarca e cidadão honorário da nossa cidade. Além do banquete promovido pela família forense, no Tabajara Tennis Clube, os oficiais do 23 R. I., entidades de Esporte e de classes, tanto da nossa como da vizinha cidade de Pommerode, que faz parte da nossa comarca, o homenagearam. A esposa do prestigioso magistrado, modelo de correção e integridade, também é homenageada pelas senhoras blumenauenses com uma recepção no salão de chá "Bürger-Modas".

10 — Em homenagem aos radialistas de Blumenau, pelo abnegado comportamento nos dias da enchente, realiza-se um jantar no Grêmio Esportivo Olímpico, do qual participam 300 pessoas.

12 — O ministro da Viação, Coronel Virgílio Távora visita a nossa cidade, acompanhado do senador Irineu Bornhausen e outros parlamentares, representantes da nossa região, bem como do governador Celso Ramos, tendo percorrido os locais devastados, publicando-se nos dias seguintes, medidas autorizadas ou recomendadas pelo titular da Viação para a obra de prevenção das enchentes.

Durante o mês se procede ao levantamento dos prejuízos sofridos

no município de Blumenau, pelas enchentes, tanto da parte de particulares como em obras públicas, cujo resultado acusa a soma de Cr\$ 74.661.015,00, segundo dados publicados em nota do gabinete do Prefeito.

No Teatro Carlos Gomes exhibe-se o teatro de marionetes "Hohens-teiner Puppenspieler".

18 — Restabelece-se o tráfego da Estrada de Ferro Santa Catarina, interrompido desde os dias da enchente pela queda de barreiras, de pontes e bueiros.

23 — Toma posse o novo delegado de Polícia do município, dr. Manoel Fogaça, em substituição ao Tte. João da Mata, que pedira demissão do cargo.

25 — Dia de Santa Catarina. Feriado estadual. Ponto facultativo, também nas repartições do município.

26 — A firma Hermes Macedo promove a abertura de seu novo e impressionante edifício, ainda inacabado, com frentes para as ruas 15 e Getúlio Vargas, instalando no mesmo a venda de brinquedos e um parque infantil, a "Brinquedolândia", franqueando-a às crianças. Para a inauguração, chega Papai Noel, de barco, ao pôrto fluvial da cidade, onde o aguardam a Banda da Polícia do Paraná e grande multidão, composta de

alguns milhares de pessoas que o acompanham até o estabelecimento, onde há distribuição de balas. Achava-se presente o cantor Silvio Caldas.

À noite, a banda da Polícia Militar do Paraná realiza, no Teatro Carlos Gomes um concerto com vasto e variado programa.

27 — O dr. Carlos Krebs, diretor do Departamento Nacional de Obras e Saneamento pronuncia notável palestra sobre as enchentes na região e medidas de precaução planejadas e que, sob o título, "Regularização do Vale do Itajai" é publicada pela imprensa local.

30 — Em sessão extraordinária da Câmara Municipal, recebe título de cidadão blumenauense o professor Joaquim de Sales, catedrático aposentado da cadeira de português do Colégio Pedro II e com relevantes serviços prestados ao município.

Durante o mês, ocorre o falecimento de uma jovem operária, Rosa Marly Gorges, que foi estrangulada pelo marido, de quem vivia separada; houve uma tentativa de suicídio de uma garçoneite, que foi salva das águas do Garcia, onde se atirara, por um bombeiro. Ocorre, também, o falecimento da ex-ma. senhora Fanny Treska Hertwig.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação e orientação de J. Ferreira da Silva

ASSINATURAS:

ASSINATURAS:	Por 12 números (1 Tomo)	Cr\$ 300,00
	Número avulso	30,00
	Número atrasado	40,00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Augusto Severo, 822
Caixa postal, 2675
CURITIBA — Paraná

EM BLUMENAU:

Representante: Frederico Kilian
Caixa postal, 425

SUL FABRIL S/A

MALHARIA E CONFECÇÕES

Produtos de Maior Preferência no Gênero

“CAMISAS SUL FABRIL”

A MARCA QUE CONQUISTOU RENOME

FABRICA E ESCRITÓRIO :

RUA ITAJAÍ, 948

CAIXA POSTAL, 243

TELEFONE, 1125

TELEGRAMAS : “SULFABRIL”

BLUMENAU – Santa Catarina

HOTEL REX

BLUMENAU

Santa Catarina



**100 apartamentos dotados
de todo o conforto**